

O lúdico reencantando a velhice na 4ª Colônia Italiana do Rio Grande do Sul

Tatiana Valéria Trevisan*

Resumo

Este artigo é resultado da dissertação intitulada “Atividades lúdicas com idosos da 4ª Colônia: um estudo de caso”, do mestrado em Educação/UFSM. A ideia de desenvolver essa investigação decorreu ao acompanhar o grupo de idosos por quatro anos como professora, da necessidade em aprofundar questões suscitadas pela implantação das atividades lúdicas/físicas (projeto de extensão) na comunidade de Ivorá, cidade pertencente à região da 4ª Colônia Italiana do Rio Grande do Sul. Utilizou-se uma metodologia qualitativa de cunho fenomenológico, no qual propicia o resgate do “mundo vivido”, descrevendo as experiências segundo a ótica de quem vive a situação concreta. Objetivou-se reelaborar as lembranças guardadas na memória dos idosos, que emergiram de suas origens/tradições de outrora, por meio de atividades de cunho lúdico-educativas, como jogos, cantos e danças. A entrevista semiestruturada foi aplicada a 25 idosos do grupo

(solteiras, viúvas, casais e mulheres que seus cônjuges não participam), identificados com nomes de virtudes e paisagens de regiões naturais da Itália, bem como vinte familiares dos idosos e cinco representantes da comunidade. As conclusões retratam que as atividades lúdicas trouxeram transformações no cotidiano dos participantes e sua comunidade. Questões, antes ocultas, esquecidas/encobertas pela familiaridade (usos, hábitos e linguagem do senso comum), emergiram, transparecendo uma experiência de histórias de vida, o resgate da herança lúdica italiana. A conversa, dialeto, chimarrão, uva, vinho, trabalho, o físico, são expressões vivas de uma cultura que perdura entre as gerações e que contribuem para a preservação da cultura original e de formas alternativas e inovadoras de viver a velhice.

Palavras-chave: Cultura. Envelhecimento. Idosos. Italianos. Lúdico.

* Mestre em Educação pela Universidade de Santa Maria. Coordenadora de Extensão e Ação Comunitária da Faculdade Metodista de Santa Maria. Coordenadora do curso de Educação Física da Faculdade Metodista de Santa Maria. Docente da Universidade Aberta do Brasil/Universidade de Santa Maria. Endereço para correspondência: Faculdade Metodista de Santa Maria, Rua Dr. Tury, 2003, CEP 7015-512, Santa Maria, RS.

Artigo publicado na forma de resumo no I Congresso Internacional de Envelhecimento Humano (2010) e que foi selecionado para ser publicado neste suplemento da RBCEH como artigo completo.

↳ doi:10.5335/rbceh.2010.052

Motivações iniciais que norteiam este estudo

As inquietações que levaram ao desenvolvimento de uma investigação com idosos da comunidade de Ivorá – cidade pertencente à 4ª Colônia Italiana do Rio Grande do Sul – decorreram de diversas indagações que emergiram ao iniciar as atividades lúdicas e da criação de um grupo de convivência no local. Após acompanhar durante quase quatro anos de desenvolvimento do referido grupo de idosos, como uma das idealizadoras e professora, constatei ser necessário aprofundar algumas questões suscitadas a partir dos impactos provocados pela sua implantação. Como as práticas de ginástica e danças eram, até então, estranhas para os idosos da comunidade, decidi que essas devessem assumir caráter mais familiar e enriquecedor, para que o preconceito frente às atividades se dissipasse. Em Ivorá, as ações práticas realizadas foram denominadas de “atividades lúdicas”, pois caracterizavam-se como oriundas das vivências do passado, esquecidas na infância remota dos velhos que ingressavam no grupo. Mais do que isso, a prática de atividades lúdicas poderia resgatar um cotidiano adormecido pelo tempo e pelas dificuldades, fazendo emergir um mundo rico em cultura, felicidade, amizade, costumes e tradições. Nasceu, então, uma experiência em que a ludicidade se fez presente nas práticas criadas e exercidas pelos idosos, invadiu o mundo da vida e trouxe para a sua convivência o sabor de viver em comunidade, fortalecendo diariamente os ensinamen-

tos herdados da cultura italiana.

A necessidade de se resgatar essa forma de viver em comunidade – que valoriza os aspectos lúdico, expressivo e corpóreo – justifica-se em face às dificuldades crescentes que a sociedade tem enfrentado diante do processo capitalista de modernização forçada, o qual tem colaborado para a destruição das identidades individuais e coletivas. O que se observa é que as condições sociais pelos quais os indivíduos estão inseridos afetam o mundo das relações humanas, pois uma sociedade culturalmente juvenil, caracterizada por valorizar e considerar somente o novo, está despreparada para receber o contingente de população idosa que, nos últimos tempos, tem se formado. Isso acarreta para os velhos, dificuldades no desenvolvimento de suas atividades voltadas à convivência, criatividade, participação, entrosamento e até mesmo realização. Por isso a importância de um trabalho lúdico com idosos, pois em grupo eles conseguem interagir dialogicamente com os outros integrantes, transmitindo, pela linguagem, as suas experiências vividas, os conhecimentos acumulados pelo tempo que até então poderiam estar tolhidos ou adormecidos. No trato com o idoso é valiosa a valorização da linguagem intersubjetiva como forma de comunicação. Esta estimula a construção de uma identidade própria mediada pelas relações que se estabelecem no grupo.

Situação do idoso na sociedade atual: um novo paradigma de discussão

Contextualização social

As consequências da modernidade ocasionaram um esquecimento das memórias individual e coletiva, da palavra e das práticas sociais, que eram no passado compartilhadas por todos. Benjamin (1987) se reporta aos processos sociais, culturais e artísticos de fragmentação crescente e de secularização triunfante como possível solução que uma política verdadeiramente “materialista” deveria poder reconhecer e aproveitar em favor da maioria dos excluídos da cultura, em vez de deixar a classe dominante se apoderar deles e fazer novos meios de dominação. Benjamin (1987) faz uma analogia da problemática da narração que é um dos paradoxos de atual modernidade, no texto “Experiência e pobreza”. Começa com uma narração lendária, um conto antigo, que nos explica como nos tornamos ricos. É a história do pai que, no leito de morte, revela aos seus três filhos que um tesouro está escondido no seu vinhedo, que eles o descobrirão na condição de trabalhar e cavar sem folga. Os filhos obedecem, não encontram nenhum tesouro, mas suas vindimas serão as mais abundantes do país, pois não mediram esforços. A riqueza, eles reconhecem, então, não provém de nenhum tesouro, mas, sim, da experiência que o pai moribundo lhes transmitiu.

Na atualidade tais experiências não passam mais que provérbios que soam

oco, as histórias se esgotam, perdem seu sentido com o passar do tempo:

Sabia-se muito bem o que era experiência: as pessoas mais velhas sempre a passavam aos mais jovens. De forma concisa, com a autoridade da idade, em provérbios; ou de forma prolixa, com sua loquacidade, em histórias; ou ainda através de narrativas de países estrangeiros, junto à lareira, diante de filhos e netos. Mas para onde foi tudo isso? Quem ainda encontra pessoas que saibam contar histórias como devem ser contadas. Por acaso os moribundos de hoje ainda dizem palavras tão duráveis que possam ser transmitidas de geração em geração como se fosse um anel. A quem ajuda, hoje em dia, um provérbio. *Quem se quer tentará lidar com a juventude invocando sua experiência* (GAGNEBIN, 1994, p. 65 - grifo meu).

Nesses paradoxos suscitados pela modernidade, percebe-se que é relevante o debate do filósofo Habermas (1994), onde salienta que cabe à razão comunicativa, preservada em certos “nichos” da sociedade moderna, trazer à luz a essência do mundo vivido (como o caso na esfera da pintura, da música, do direito, da ciência e da moral). Resgatar o terreno perdido e reorientar a razão instrumental, reconduzindo-a aos limites, dentro dos quais são imprescindíveis, pode fornecer uma contribuição inestimável para assegurar a organização e a sobrevivência das modernas sociedades de massa. É na esfera social e da cultura que devem ser conjuntamente fixados os destinos da sociedade por meio do questionamento e da revalidação dos valores e das normas vigentes no mundo vivido. Somente quando esse reconquistar o terreno perdido pode ocorrer o que na modernidade se tornou urgente: a

“descolonização do mundo vivido pelo sistema”, a capacidade de agir comunicativamente para todos os sujeitos. A razão dialógica comunicativa estaria, dessa forma, recolocando em seu devido lugar a razão instrumental.

A superação das relações alienadas e alienantes do capitalismo não se dá automaticamente, mas se exigirá uma nova mediação, o resgate da concepção emancipatória de razão, que se encontrará na categoria da intersubjetividade. Habermas (1994) afirma que a razão e a verdade resultam na interação dos indivíduos com o mundo dos objetos, das pessoas e da vida interior. Por isso a razão e a verdade só podem decorrer da organização social dos sujeitos interagindo em situações dialógicas. A razão não tem, pois, sua sede no sujeito epistêmico, nem no ser antropológico, ao mesmo tempo pulcional, mas na organização intersubjetiva da fala.

O que seria necessário para os indivíduos e a sociedade nasce de um consenso, resultante da comunicação dialógica. O conceito da razão só faz sentido enquanto razão dialógica. A razão resulta daquilo que num contexto social, vivido e compartilhado por sujeitos linguisticamente competentes, pode ser elaborado, e querido, e aceito por todos. Nessa acepção, a razão e a verdade deixam de ser valores absolutos para se transformarem em valores temporariamente válidos, de acordo com o veredito dos sujeitos envolvidos na situação, os quais estabelecem consensualmente o processo pelo qual a verdade e a razão podem ser conquistadas num contexto dado. Isso, por sua vez, pressupõe o resgate e a

revalorização de um conceito radical de democracia, que permeia todas as formas de interação desde o nível do cotidiano até o do discurso teórico e prático, que permite o questionamento incondicional de todas as verdades aceitas e de todas as normas vigentes. O questionamento desses fatores e valores ou sua consolidação dá-se na esfera do mundo vivido.

A razão comunicativa e a nova concepção de verdade que dela decorrem não são encaradas como uma utopia que aguarde sua concretização social, mas como realidades sociais que, apesar de ainda esparsamente institucionalizadas, já fazem parte do nosso cotidiano nos mais diferentes níveis. Cabe às ciências sociais revelá-las e fortalecê-las, no entanto, a mediação necessária que precisamos para atingi-lo é da linguagem. Por meio da linguagem podemos expressar as coisas da vida e de uma cultura. Isso é tributário de uma antropologia para a qual o mundo recebe sua expressão máxima pela vida que nele se determina seu próprio sentido, conferindo com isso o próprio mundo seu sentido.

A sociedade e o envelhecimento

O aumento rápido da esperança de vida média implica vivermos provavelmente durante um período de tempo bastante longo para que os adultos, cada vez mais, tenham a possibilidade de renovar os conhecimentos para não se tornarem marginalizados pela sociedade. A educação nesse contexto poderá manifestar-se como um processo de transformação no qual o homem se desenvolve, informando a si, aos outros e ao meio em que vive. É

uma maneira de “viver a vida”, dar-lhe uma forma, de expressar no mundo a presença que se deseja. A concretização da cidadania que será refletida na situação, participação e decisão dos momentos sociais. Ter a possibilidade de permanecer como um cidadão consciente de suas responsabilidades, atribuições e direitos. Beauvoir (1990, p. 661) chama atenção para a seguinte situação:

Para que a velhice não seja uma irrisória paródia de nossa essência anterior, só a uma solução: é continuar a perseguir fins que dêem um sentido à nossa vida: dedicação a indivíduos, a coletividades, a causas, trabalho social ou político, intelectual, criador, [...] é preciso desejar conservar na última idade paixões fortes o bastante para evitar que façamos o retorno sobre nós mesmos. A vida conserva um valor enquanto atribuímos valor à vida dos outros, através do amor, da amizade da indignação, da compaixão. Permanecem, então, razões para agir ou para falar.

A finalidade da ação pedagógica será, então, a de proporcionar condições indispensáveis para que o homem possa continuamente firma-se e tornar-se um agente de desenvolvimento. Aumenta as possibilidades de tornar a vida humana um processo permanente de formação em que o homem, desenvolvendo-se continuamente, torna-se mais consciente de suas possibilidades de participação como produtor, consumidor ou utilizador, como criador ou inovador dos dinamismos socioeconômicos que transformam o seu meio.

Reflexões com esse intuito são consideráveis quando se evidencia que a população do mundo está envelhecendo. Foi designado pela Organização das Na-

ções Unidas (ONU) o período de 1975 até 2025 como a “era do envelhecimento”, em virtude do elevado número de pessoas em países desenvolvidos e, surpreendentemente, no Brasil, em 1970, começou a aparecer o contingente de população idosa. O que é importante salientar é que a longevidade nos países em desenvolvimento, como o Brasil, está se dando num passo mais rápido que nas nações industrializadas. Mais tarde, quando os jovens que hoje trabalham se aproximarem da idade da aposentadoria, por volta de 2030, 80% dos idosos do mundo estarão concentrados nos países em desenvolvimento. Neste século, então, vivencia-se um fato novo na existência humana, qual seja, um acréscimo de vinte a trinta anos de vida, com toda uma gama de novas experiências e possibilidades. Emerge daí uma preocupação político-social com esse segmento da população e de suas consequentes demandas.

O despreparo da sociedade em relação ao envelhecimento conduz a um descompasso que leva à discriminação do idoso. Por outro lado, o desconhecimento das características reais desse segmento da população gera mitos, os quais dificultam a visão do idoso como ser produtivo. Isso contribui para a falta de outorga de funções sociais significativas e de conquistas de papéis sociais por parte do próprio idoso. Acrescenta-se a isso a dificuldade das instituições e da sociedade como um todo em aceitar o processo de envelhecimento como uma etapa previsível e natural do ciclo evolutivo. Nesse sentido, o problema da velhice, por sua vez, constituiu-se como um problema social, pois emerge do descaso criado pela

sociedade em relação aos seus cidadãos mais velhos. De acordo com Beauvoir (1990, p. 664).

A velhice denuncia o fracasso de toda a nossa civilização. É o homem inteiro que é preciso refazer, são todas as relações entre os homens que é preciso recriar se quisermos que a condição do velho seja aceitável. Um homem não deveria chegar ao fim da vida com as mãos vazias e solitário. Se a cultura fosse um saber inerte, adquirido de uma vez por todas e esquecido; se fosse prática e viva; se através dela, o indivíduo tivesse sobre o seu meio uma poder que se realizasse e se renovasse ao longo dos anos, em todas as idades ele seria um cidadão ativo, útil. Se não fosse atomizado desde a infância, fechado e isolado entre outros átomos, se participasse de uma vida coletiva, tão cotidiana essencial quanto sua própria vida jamais conheceria o exílio.

Considerando essa realidade, propõe-se não mais realimentar essa visão distorcida da velhice, essa estereotipação da senescência, que é sinônimo de problema e depauperização do indivíduo. Cresce, no entanto, a convicção de que, além de propiciar aos velhos segurança econômica, é necessário favorecê-los no cultivo de áreas de interesse para que possam continuar se sentindo úteis e construtivos. Buscar resgatar o sentimento de participação, de conquista e de ser autônomo capaz de exercer plenamente seus direitos de cidadania. Debert (1996, p. 2), vê-se que

[...] a tendência contemporânea é a inversão da representação da velhice como um processo de perdas e a atribuição de novos significados aos estágios mais avançados da vida, que passam a ser tratados como momentos privilegiados para novas conquistas, guiados pela busca do prazer, da satisfação

e da realização pessoal. As experiências vividas e os saberes acumulados que proporcionam aos mais velhos oportunidades de explorar novas identidades, realizar projetos abandonados em outras etapas da vida, estabelecer relações profícuas com o mundo dos mais jovens e dos mais velhos. Essas novas imagens do envelhecimento que acompanham a construção da “terceira idade” transformam a experiência de envelhecimento em uma experiência mais gratificante. Um conjunto de discursos empenhados em rever estereótipos negativos da velhice abre espaços para que experiências de envelhecimento bem sucedidas possam ser vividas coletivamente.

É necessário resgatar os valores, as essências do mundo vivido, do cotidiano, as experiências e a dignidade de viver com respeito e liberdade. Ter condições de refletir e agir é o primeiro momento em direção à conquista da cidadania.

A fenomenologia como processo de desvelamento das essências da velhice: materiais e métodos

Este estudo baseou-se numa metodologia qualitativa de cunho fenomenológico, utilizando o método do estudo de caso, que propicia um resgate do “mundo vivido”, onde se faz uma descrição das experiências segundo a ótica de quem vive a situação concreta. Dessa forma, é possível aprofundar e resgatar questões sobre a temática de uma importância *sui generis*, onde com toda a minha experiência anterior observada e vivenciada com o grupo da terceira idade poderá desvendar junto aos sujeitos participantes o significado social deste trabalho na comunidade.

As atividades lúdicas desenvolvidas com idosos de Ivorá - RS trouxeram transformações no cotidiano dos participantes, assim como da comunidade. Questões que antes eram ocultas, que foram esquecidas ou encobertas pela familiaridade (pelos usos, hábitos e linguagem do senso comum), vieram à tona, transparecendo uma experiência de histórias de vida, o resgate da *herança lúdica italiana*, que necessitam de um redimensionamento, bem como de uma reeducação. Essas transformações observadas por mim serviram de questões norteadoras para o início da pesquisa, ficando assim definidas:

- Qual a percepção do velho acerca das transformações vivenciadas a partir de sua participação no grupo de convivência?
- Qual a compreensão dos familiares a respeito do envelhecimento e das modificações visualizadas no idoso a partir da inserção deste no grupo de convivência?

Orientando-se por essas questões, utilizou-se intencionalmente a entrevista semiestruturada para a coleta de informações. Assim, pode-se descobrir a visão pessoal, a experiência de vida, os significados, as manifestações de cada sujeito entrevistado. Puderam direcionar suas falas para o que era mais significativo no momento atual de sua vida, muitas vezes se reportando ao passado, às suas origens italianas, para enfatizar sua participação no grupo de idosos, pois como diz Husserl (1996, p. 18)

Devemos orientar-mos para o mundo interior que chama de transcendental enquanto chama o mundo exterior de transcendente. Deste modo o ser transcendente é o real ou empírico enquanto transcendental é o irreal ou ideal, mas não fictício. Propõe-se explorar as riquezas da consciência transcendental, pois segundo ele, o pesquisador não precisa recorrer ao mundo transcendente. Cabe-lhe buscar a evidência apodítica ou indubitável na subjetividade transcendental através da descrição dos fenômenos puros. Só na volta "as coisas mesmas" se encontrará a realidade de maneira plenamente originária e com evidência plena.

A população deste estudo é constituída de velhos pertencentes ao grupo de convivência, seus familiares e de membros da comunidade, perfazendo um total de cinquenta pessoas. Dentre os idosos do grupo, a população foi selecionada por sorteio, sendo composta por 25 idosos: cinco solteiras, cinco viúvas, cinco casais e cinco idosas, cujos cônjuges não participam das atividades lúdicas. Esses idosos são identificados com nomes de virtudes (sucédidos pela vírgula, seguidas pelo número indicador da idade) e a escolha deu-se por motivos vivenciais, pois, ao desvelar as essências dos idosos, percebi que cada uma dessas pessoas possui uma virtude que realça seu caráter. Para auxiliar a compreensão do perfil de cada idoso entrevistado, elucidei com fotos de regiões naturais da Itália. Analogicamente, isso serve como forma de homenagear a comunidade de Ivorá, que muito se assemelha às da pátria natal dos colonizadores da região. Quanto aos familiares, são pessoas que convivem ou que são partícipes do cotidiano desses idosos. Em relação a eles, não foi definido o sexo e parentesco an-

teriormente à realização das entrevistas, porque o que é relevante para o estudo é o grau de participação na vida cotidiana do velho. O número de parentes entrevistados é de um para cada velho integrante da pesquisa (sendo que para cada casal de velhos é entrevistado apenas um parente), perfazendo um total de vinte indivíduos. Referente aos membros da comunidade (identificados segundo o cargo que ocupam dentro do município), objetivou-se conhecer suas vivências pessoais sobre o envelhecimento e qual o tratamento dispensado nos cargos que ocupam aos velhos, qual o verdadeiro papel do velho na comunidade e como se deu a repercussão das atividades lúdicas com idosos na comunidade.

Como na época não havia Comitê de Ética em Pesquisa na universidade,¹ após selecionar os idosos, seus familiares e os membros da comunidade a serem entrevistados, esses sujeitos receberam cópia impressa contendo as intenções e o propósito da pesquisa. Com os idosos realizou-se uma reunião coletiva, com leitura da proposta e explicações necessárias. Após esse processo foi enviado para todos os entrevistados o termo de consentimento para a realização das entrevistas. No prazo de 15 dias todos devolveram do termo de consentimento assinado, iniciando-se o processo de coleta de informações por meio de entrevistas gravadas, posteriormente transcritas e analisadas.

A relação entre existência e essência através da fenomenologia das faltas dos idosos

Primeira essência: O resgate da cultura lúdica italiana

As pessoas idosas de Ivorá são muito zelosas em relação à cultura italiana, preservam todos os ensinamentos, valores, experiências e atitudes que lhes foram passadas, transmitindo com orgulho a seus descendentes. Falam de uma cultura que perpassa gerações, que é exemplo de vida, respeito, amor, consideração aos mais velhos e de preservação de si próprio, do outro e da comunidade. Contam suas histórias como formas de conselho, sugestões práticas de um bem viver, provando que em Ivorá as experiências vividas ainda são valorizadas, porque ainda existem algumas pessoas que sabem narrar ou contar suas histórias, enquanto outras se dispõem a escutar.

Benjamin (1987, p. 204), ressalta que em consequência da revolução cultural, que foi mais visível no âmbito familiar, isto é, na estrutura de relações entre os sexos e gerações, “nas cidades a narrativa está em vias de extinção, que são raras as pessoas que sabem narrar devidamente”. Em Ivorá ainda existem as possibilidades da narrativa nas relações entre avô-neto, por exemplo. A cidade cresceu e se desenvolveu, mas ainda se procura manter acesa a chama das relações humanas, os seus velhos continuam ativos na comunidade, resguardando um passado que ilumina os atos do presente para que sejam praticados com mais

segurança. Benjamin (1987, p. 200-201), defende ainda que a verdadeira narrativa tem sempre em si uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir num ensinamento moral, uma sugestão prática, um provérbio ou norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos. Aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada. No entanto, diz que para obter essa sugestão é necessário saber narrar uma história, além do que, um homem só é “receptivo a um conselho na medida em que verbaliza a sua situação.”

É nessa relação de narrador e ouvinte que se torna possível a continuidade e manutenção da cultura e história de uma comunidade. Na comunidade de Ivorá, a troca de experiências acontece entre as pessoas mais velhas em virtude da oportunidade que possuem de conviver por meio do grupo de idosos. A partir da criação do grupo aconteceram várias mudanças no cotidiano da vida dos idosos da comunidade, que eles próprios observaram. Uma idosa entrevistada conta:

Depois que entrei para o grupo da terceira idade, tenho mais amizades, todas são amigas, se encontro alguém na rua, converso, lá nas atividades também... Antes não é que fossem pessoas desconhecidas, mas não nos falávamos muito porque eu saía para a missa e voltava para casa, elas também, agora temos os chás, os encontros. (PUREZA, 66).

O grupo tem proporcionado a convivência e a amizade entre as pessoas, a valorização das experiências, o resgate da cultura por meio do lúdico, além de estar promovendo uma melhor qualidade

de vida aos idosos. Propicia reavivar as potencialidades que estavam esquecidas, a criatividade de interagir socialmente, pois essas atitudes podem ter sido podadas pelas necessidades impostas pela vida profissional, ou, ainda, não afloram pela falta de oportunidade ou motivação. Uma entrevistada argumenta:

As mudanças em minha vida foram muitas, a gente se sente melhor, se encontra e pode ajudar os outros também, as pessoas que têm mais dificuldades a gente conta histórias, ajuda, conversa. Quando tenho estas oportunidades de contar minhas histórias, sigo o exemplo de nossa comunidade que sempre valoriza muito as suas pessoas. Gosto de lembrar o que minha mãe contava, pois tiveram experiências sacrificantes. O interessante é que eram sempre felizes. A minha avó, naquela pobreza contava que faziam fogo para espantar os animais bravos que surgiam no meio da mata, isso tudo no início da colonização. Mas eram alegres por natureza. (FIDELIDADE, 79).

O interessante nesta fala é que a entrevistada utiliza a sua própria vida como exemplo de mudanças, explicitando que sua convivência com o grupo tem possibilitado ajudar aos outros e a si mesmo por consequência. Ao conversarem, contam suas histórias, seu passado, suas experiências, que, num ato de amor ao próximo, adquirem o hábito pedagógico de educar, reciclando até mesmo os seus significados. Comenta que as pessoas de Ivorá são alegres por natureza, possuem um espírito festivo, apesar das dificuldades que enfrentam; sempre estão sorrindo e encontram motivos para comemorar. Uma idosa se expressa dizendo que: “é preciso deixar

nossas origens vir para fora e fazer igual a quando éramos moças, ser feliz, dar risadas e viver” (ENTUSIASMO, 63). Na comunidade realizavam as grandes festividades no salão paroquial da igreja, celebrava-se a missa pela parte da manhã, após um almoço com comidas típicas italianas e à tarde confraternizava-se, reunindo as pessoas da cidade, os filhos que vêm de fora, enfim, um momento de encontro onde a felicidade e as conversas afloravam espontaneamente das várias gerações.

Nessas lembranças contadas histórias de vidas se desvelam, mostrando como o povo, mesmo sofrendo com as adversidades, trouxe em seu coração o exemplo que perdurou: a esperança de uma vida melhor. Isto se reflete nos olhos dos velhos da comunidade, que ainda se emocionam ao falar do seu passado, de sua família, de seus projetos que ainda buscam concretizar. Um casal de entrevistados comenta:

São cinco anos que participamos do grupo, e dia a dia nós vamos conhecendo as pessoas, às vezes tu conhece de rua, mas não há uma convivência; então, esse trabalho da terceira idade é maravilhoso, é cansativo, mas é lucrativo não financeiramente, mas na amizade, no conhecimento geral, as pessoas são maravilhosas e vale a pena. Aprende-se com eles, assim como eles aprendem com a gente, a amizade é de mais confiança, uma amizade familiar. A gente convivendo com esse pessoal do mesmo nível de idade, a gente escuta histórias antigas, de quarenta, cinquenta anos atrás. Nós sabemos do nosso passado, conversando com os outros fica-se sabendo as suas histórias, então acaba se adquirindo uma certa cultura, uma certa bagagem de conhecimento. Com isso se adquire confiança nessa pessoa, nisto se vê que

não há nenhuma desvantagem em conviver com outras pessoas. Os relacionamentos se tornam mais verdadeiros, antes nos conhecíamos, mas não tínhamos uma relação tão verdadeira como agora. (TRABALHO, 58, 65)

A amizade construída com a convivência no grupo possui um significado de aprendizado para os seus componentes. Nesses depoimentos percebe-se que é pelo relacionamento diário, nas confissões das experiências, no contar as suas histórias, que se consolida a amizade e se transmite a verdadeira cultura de um povo. Os idosos veem sua participação no grupo como uma forma de trabalho, que, às vezes, é cansativa, mas o conhecimento que adquirem, a amizade estabelecida entre as pessoas, supera qualquer dificuldade. Como a felicidade é algo natural para a comunidade, alegram-se eles nos pequenos atos, como salientam no decorrer de seus depoimentos:

Estamos trabalhando na coordenação do grupo há alguns anos, lutamos em comunidade para atingir os objetivos. Isso nós aprendemos com as dificuldades da vida, uma luta para conquistar os sonhos, assim nos sentimos felizes (TRABALHO, 58, 65).

Os idosos possuem uma expectativa de vida que não compreende só a idade. Segundo a perspectiva das pesquisas realizadas no mundo provam que em 2025 o Brasil será um dos países do mundo com maior número de idosos. Eles buscam realizar-se na prática, independentemente de quantos anos lhes restam; interessa-lhes viver o hoje em comunidade, construindo o seu amanhã e, se for necessário, mostrar exemplos de trabalho, esperança entre outras tantas

virtudes que possuem. Essa convivência que se efetiva com o passar do tempo, depois de mais de um século da colonização, os idosos de Ivorá procuram resgatar o sabor das heranças lúdicas italianas advindas dos seus antepassados nas festas, nas comidas, nas conversas, nos cânticos, nos jogos. Trazem para o presente essas origens com um sabor de vitória e reconhecimento, pois mesmo ao longo dos anos não deixaram morrer a história que deu origem à comunidade que hoje vivem. Alguns idosos entrevistados elucidam essa situação:

Nosso grupo tem lutado muito para resgatar as nossas origens italianas, estamos nos integrando com todos os outros grupos da Quarta Colônia em reuniões, em eventos, e isso tem auxiliado a mudar o convívio entre as cidades e até na região (MISERICÓRDIA, 60).

O grupo tem feito almoço com comida italiana, isso nos faz lembrar a alegria das mesas, das festas da nossa família na infância, todos sentem-se felizes (GRATIDÃO, 62).

Um casal de idosos confirma:

Nas festas da comunidade, procuramos fazer comida italiana para lembrar nosso passado. Cantamos músicas italianas e até mesmo quando nos reunimos, procuramos falar italiano para não esquecer e lembrar de algumas brincadeiras, jogos que os nossos pais e avós nos ensinavam. Assim, podemos repassar para as nossas netas. Sentimos, assim, o nosso povo valorizado, as nossas tradições de amor ao próximo, é lindo ver o sorriso nos lábios do outro se sentindo com mais valor por aquilo que estamos fazendo (DOÇURA, 60, 67).

Nesse sentido, observa-se que a atuação da terceira idade na comunidade está modificando as relações pessoais, tanto

individuais quanto coletivas. As práticas sociais estão sendo compartilhadas por todos, uma vez que há um entrosamento social das gerações nas festividades, no convívio familiar e comunitário. Aqui é interessante retomar o pensamento do filósofo Habermas (1994) no que tange à questão da modernidade, quando se refere à necessidade de certos consensos resultantes da comunicação dialógica, da organização intersubjetiva da fala. Isso se processa quando há um diálogo entre pares, quando a coisa narrada é do mundo vivido dos sujeitos envolvidos, sendo, então, significativo para ambos. Ao resgatar a concepção de uma razão comunicativa, propõe uma mudança radical de paradigma, em que a razão passa a ser implementada socialmente no processo de interação dialógica dos atores numa mesma situação. Na ação comunicativa, cada interlocutor suscita uma pretensão de validade quando se refere aos fatos, às normas e às vivências, e existe uma expectativa que seu interlocutor possa, se assim o quiser, contestar essa pretensão de validade de uma maneira fundada, isto é, com argumentos. Tanto no diálogo como no discurso, todas as verdades anteriormente consideradas válidas e inabaláveis podem ser questionadas. Todas as normas, valores e conceitos vigentes têm de ser justificados. Todas as relações sociais são consideradas resultantes de uma negociação na qual se busca o consenso e se respeita à reciprocidade, fundados no melhor argumento (apud FREITAG, 1998, p. 59-60). Sobre a interação dialógica que acontece entre os membros do grupo, uma das idosas entrevistadas comenta:

Posso dizer que a vida em Ivorá se transformou, pois quando chega o domingo a gente não vê a hora que a segunda comece para ir à natação e assim seguem os outros dias. Aqui hoje somos mais francos, temos mais diálogos, se questiona as coisas, um aprender maravilhoso. Quando vamos às viagens cantamos dentro do ônibus, aquela alegria, não tem nada de tristezas. E nesta idade precisamos de muitas alegrias. A minha vida mudou muito, principalmente porque eu era uma pessoa muito caseira, agora tem passeio da turma e eu vou, tem algum aniversário de uma amiga estou pronta, até me emociono em falar, enfim mudou tudo, eu era uma pessoa triste, todas as colegas são boas, hoje é uma maravilha. Não sei o que seria de mim sem esse grupo. Com esse grupo que nós temos, com a força das amigas, a gente vai envelhecendo sorrindo, não se percebe o tempo passando, isso já é uma grande coisa. Eu tenho pena destas pessoas que ainda não participam, porque elas não veem a vida passar tão bonita quanto nós, não convivem com os outros, não aprendem novidade, pois não se permite para um diálogo, uma conversa verdadeira (PRUDÊNCIA, 63).

O grupo de idosos em Ivorá, pelo seu entrosamento social, pelo diálogo que estabelecem entre si e com seus familiares, está questionando muitos significados e atitudes, anteriormente postos como estabelecidos e verdadeiros. Estão refazendo ideias, reconstruindo objetivos, revivificando até mesmo o próprio significado do envelhecimento humano. Uma entrevistada diz:

No início quando comecei achei que fosse bobagem, mas comecei ir lá, observar e a gostar; e depois a gente vai se fechando em casa, só trabalho, as crianças, não parava para pensar em mim, enquanto que no grupo a gente sai um ajuda o outro, o nosso grupo é assim (GRATIDÃO, 62)

Com toda a novidade, a construção do grupo da terceira idade enfrentou inúmeras dificuldades. Com o tempo, os integrantes foram sentindo os benefícios proporcionados pela integração com os amigos e, com isso, o grupo se desenvolveu. Mais do que isso, percebeu-se que em Ivorá o significado de comunidade só teria sentido se elas próprias, as pessoas, se unissem em comunhão, congregando suas forças para reconstruir os sentimentos de fé, irmandade, amor, compreensão, ajuda e confraternização. Uma idosa conta:

O grupo da terceira idade de Ivorá representa para mim, um grupo de pessoas interessadas em realizar serviços úteis para a comunidade onde vivem, buscando reviver alegrias do passado, contagiando a todos com o espírito da felicidade. Isso leva a comunidade em geral a perceber os velhos de outra maneira, não como pessoas que não servem para mais nada, mas como pessoas que com sua experiência dos anos ainda têm muito a oferecer e a ensinar (DISCIPLINA, 62).

A presença e a valorização dos velhos na comunidade permitem que as histórias do cotidiano dos antepassados italianos persistam no tempo, que as heranças e tradições de uma cultura que prima pelo trabalho, pela felicidade e pelos bons costumes sejam reelaborados e ainda vividos nos dias atuais. Ecléa Bosi (1994, p. 74 - grifo meu), ressalta:

Há dimensões da aculturação que, sem os velhos, a educação dos adultos nos alcança plenamente: o reviver do que se perdeu de histórias, tradições, o reviver dos que já partiram e participam, então, de nossas conversas e esperanças, enfim, *o poder que os velhos têm de tornar presentes na família*

os que se ausentaram, pois deles ainda ficou alguma coisa em nosso hábito de sorrir, de andar. Não se deixam para trás essas coisas, como desnecessárias. Esta força, essa vontade de revivescência, arrancado do que passou seu caráter transitório, faz com que entre de modo constitutivo no presente.

Os velhos possuem infinitas maneiras de contribuir na atual sociedade, trazem consigo uma bagagem de conhecimentos que ensina e emociona os que possuem a possibilidade de escutar. Em Ivorá conseguem de forma lúdica ensinar, pelas histórias e atitudes, momentos do passado que não vivemos, e que, por isso, acabam se tornando tão familiares e absorvidos nas próprias atitudes do nosso viver. Uma das idosas sublinha a participação e a interação do grupo da terceira idade estabelecida com todos os setores da comunidade, dizendo:

Nós começamos neste ano, quando falece alguém do nosso grupo, nos reunimos com o uniforme, toda a turma, arrumamos um ramallete de flores, uma coroa, e no momento em que abrem o caixão nós entramos, fizemos uma oração em volta e colocamos as flores. É uma homenagem nossa às pessoas que fizeram parte de nossa vida e da comunidade... Permanece-se juntos nas alegrias e nas tristezas. (GRATIDÃO, 62)

A amizade, o respeito concretizado dentro do grupo é demonstrado nesses atos, onde, mesmo na hora da dor, se oferece uma homenagem singela, de respeito e de gratidão à pessoa que fez parte de suas vidas.

O grupo de convivência de idosos de Ivorá tem propiciado significativas mudanças para os seus integrantes não só no aspecto físico, pelas práticas de atividades lúdicas, que seria uma con-

sequência previsível, mas nos aspectos psicológicos e socioculturais. A convivência que existia em Ivorá parecia estar alicerçada apenas superficialmente: os verdadeiros sentimentos não eram manifestos. Com a formação do grupo da terceira idade, iniciou um processo de integração entre os indivíduos, aflorando, então, novas esperanças e expectativas na vida dessas pessoas. Muitos depoimentos manifestam agora as transformações no seu cotidiano, no meio familiar e na própria estrutura da vida pessoal. Uma idosa entrevistada fala sobre essas transformações de forma comparativa:

Vejo muitas diferenças entre aquelas pessoas que participam de um grupo de convivência e uma que não participa. A que participa é alegre, comunicativa, sai bastante e não fica fechada dentro de casa. Aquela que não vai, não acha jeito, fica cada vez mais fechada, com depressão, não se movimenta, o corpo fica sem movimento e doente... Nós que participamos não somos assim, muda completamente, estamos sempre ativas, prontas para as atividades. Tu enxerga uma turma de terceira idade, já se vai junto, nem se pergunta aonde vão e o que irão fazer, se é amigo e companheiro. (ENTUSIASMO, 63).

Já outra idosa fala de sua autotransformação a partir de sua inserção na convivência do grupo:

A partir de meu ingresso no grupo, à vida mudou muito, como o dia e a noite, se estava boa antes, agora está melhor ainda. É a segunda fase da vida que a gente está vivendo. As mudanças para mim foram física e mentalmente, porque o convívio com as pessoas é maravilhoso, é uma alegria completa com a turma. É diferente, a gente chega em casa e vai fazer o serviço e parece que mudou, até o ambiente de viver está melhor. Acho que a

gente fica cheia de expectativa, de energia, tenho mais entusiasmo de trabalhar e de viver. (MISERICÓRDIA, 60).

Os idosos de Ivorá ao se unirem na formação de um grupo, ao participarem ativamente dos acontecimentos sociais, religiosos, culturais, artísticos, entre outros, superam os preconceitos impostos pela sociedade moderna, que vê na idade um imperativo para usufruir de atividades, terem atitudes, comportamentos e até mesmo os próprios pensamentos. Sobre isso Andrade (1996, p. 35), destaca:

Os velhos de hoje presenciam um extraordinário desenvolvimento da ciência e da tecnologia e, agora, superado o entusiasmo, estão em grau de entender a si mesmos e de ajudar aos outros a entenderem os limites e os danos de um progresso unilateral, por si só desequilibrado, pela falta crescente de outros valores, mais especificamente humanos, a começar pelos valores morais. Um progresso que, pelo próprio desequilíbrio, torna-se ameaça para o homem. Aos velhos se abre, assim, uma singular possibilidade de dar um precioso contributo à superação da crise contemporânea, que pode definir-se como “crise sapiencial”, ou seja, uma crise de sabedoria, de cultura e de conhecimento. Uma crise vivida por todas as idades.

Essa contribuição vai ocorrer na medida em que os próprios idosos forem se dando conta do importante papel social que lhes é reservado na consciência da sociedade desperta em razão das novas transformações de época. Os desvios da educação sistêmica, que ocasionaram um progresso desequilibrado, devem ser revistos à luz da sabedoria das gerações passadas e presentes, num movimento dialético de apropriação do antigo pelo novo, ocorrendo aí um efeito de mudança

numa cultura narcisista, que tem dificuldades de abrir-se para as instâncias do outro e das diferenças. O testemunho de um das entrevistadas mostra o quanto ainda é preciso percorrer nesse sentido mesmo numa pequena localidade como a de Ivorá.

A comunidade de Ivorá está muito acomodada ainda em relação à terceira idade, falta apoio, tem gente que não tem condições financeiras nem de ir na natação... O que eu gostaria é que apoiassem mais nossas atividades, porque quem construiu e assegura o Ivorá tanto na questão da infraestrutura da cidade como na cultura, nos ensinamentos, somos nós, as pessoas que vivem aqui... Nós trabalhamos, nós doamos e continuamos fazendo isso por nosso município. (PUREZA, 66).

As dificuldades para o crescimento de uma consciência mais elaborada a respeito da ressignificação do envelhecimento humano depara-se com a necessidade de mudança dos critérios de julgamento, especialmente na consideração do velho como inútil.

O grupo tem levado a comunidade em geral a perceber os velhos de outra maneira, não como pessoas que não servem para mais nada, mas pessoas que com a experiência dos anos ainda tem muito a oferecer e a ensinar... Motiva também a relação familiar e com os amigos, principalmente com os mais jovens, os quais percebem que a velhice pode proporcionar bons momentos. (DISCIPLINA, 60).

A alteração nesse modo preconceituoso de pensar já se faz sentir com o passar do tempo em vários âmbitos da comunidade pela criação de novos espaços e possibilidade para viver a velhice na sua plenitude.

Segunda Essência: As vivências do presente auxiliam a reelaboração das heranças do passado

O representante dos comerciantes de Ivorá diz que vê a criação do grupo da terceira idade não como apenas mais uma associação com fins recreativos, mas, sim, como algo que se tornou necessário na crescente melhoria da qualidade de vida e bem-estar de toda a sociedade. Tendo idosos saudáveis e felizes, isso contribuirá em muito para a felicidade de seus familiares e de todas as pessoas que o cercam. Salienta ainda que as mudanças na vida das pessoas que compõem o grupo são evidentes. Percebe-se nitidamente que a associação entre eles possui fins terapêuticos, antidepressivos, previne doenças físicas. Sem contar ainda com o aspecto social, pois integra e reforça os laços de amizade entre as pessoas, dando verdadeiros exemplos de vida.

A vice-prefeita da comunidade de Ivorá manifesta-se positivamente em relação ao grupo. Ela diz que é muito grande a alegria para os administradores do município ver o rejuvenescimento dessas pessoas. São criativas e assumem hoje a liderança do grupo, buscando sempre mais entrosamento com outros grupos e a participação na sociedade, na natação, na educação física, na parte espiritual, nos encontros locais e regionais. O que mais impressiona, segundo sua avaliação, é a capacidade artística nas apresentações, aspecto que se mantinha no anonimato da velhice. Como efeito social, observa a diminuição das doenças. Voltando a alegria de viver,

os idosos se sentem mais valorizados, porque há pouco tempo a sociedade os via como inúteis. Hoje inúmeras são as pessoas que já descobriram que eles têm sabedoria, e merecem respeito e reconhecimento. A vice-prefeita chega ao ponto de considerar que o grupo de convivência é um exemplo de organização, deixando para trás muitos outros grupos que tentam se organizar e fracassam; isso lhes proporciona orgulho pela sua idade, despertando vontade de muitas pessoas para atingir os critérios exigidos para poder participar. Conclui afirmando que cabe a nós a responsabilidade de estar atentos, de ficar lado a lado com eles para que se sintam apoiados e que possam alcançar, dentro das possibilidades, meios para conquistar cada vez mais seu espaço na sociedade e uma melhor qualidade de vida.

As manifestações dos representantes da comunidade tendem a comprovar que em Ivorá, apesar de algumas mudanças nos hábitos e costumes trazidos pelo progresso, criando um pensamento mais promissor a inovações, ainda se conserva o reconhecimento do significado da convivência, o valor e o sabor do relacionamento interpessoal.

O médico mais antigo da cidade foi sucinto em seu depoimento, no entanto percebe mudanças benéficas na vida dos idosos após a formação do grupo da terceira idade. Segundo eles, essa foi uma das melhores iniciativas tomadas em Ivorá nos últimos tempos. O grupo se tornou quase autônomo graças à seu primeiro presidente, tendo grande importância no desenvolvimento de atividades físicas, de lazer e de convívio

social dos idosos. Todas as atividades do grupo têm colaborado para a melhoria da qualidade de vida dos seus componentes.

A secretária da Educação do Município observa, entre outras, mudanças no âmbito familiar. Ela vê que em relação à família algo mudou, seja na disponibilidade, nas facilidades que hoje elas têm de acreditar nelas mesmas. A autoestima é a chave de tudo, porque até então não eram consideradas e se sentiam realmente velhas. Refere-se principalmente ao sexo feminino, porque ainda a maioria dos integrantes são mulheres. Já os homens ela acredita que não participam suficientemente por puro preconceito. Percebe em relação às mulheres participantes que estão começando a vida agora, porque não passam mais tanto trabalho com a criação dos filhos, as dificuldades financeiras. Agora estão vivendo mais tranquilamente, por isso acredita que essa convivência com os demais também ajuda. Referente à comunidade, a secretária da Educação explica que o grupo é um exemplo aos mais novos, especialmente pelo fato de terem sessenta anos ou mais. Ressalta: de que vale a um município o exemplo de progresso, se seus velhos estão à margem de tudo, esquecidos, tristes ou doentes. Em Ivorá não é assim, eles participam, são ativas e felizes. Este depoimento confere com a descrição realizada por algumas idosas:

A minha vida hoje é melhor que antigamente porque eu era mais nova e não participava de nada, era só trabalho e casa, hoje sou uma outra pessoa, participar desses encontros muda a vida (RESPONSABILIDADE, 70).

Outra participante entrevistada salienta:

Depois que comecei a participar tive muitas alegrias, mais amizades, para mim está valendo a pena. Tive uma decepção muito grande com a morte do meu marido no final de 1996, e a terceira idade foi fundamental para mim neste sentido. Aos poucos reconstuí minha vida, voltei fazer minhas atividades, ter amor próprio e ser feliz. Apesar de todos os problemas que a gente tem de saúde, osteoporose, participar do grupo ajuda muito a gente. Hoje posso dizer que tenho mais amizades dentro de Ivorá e fora da comunidade, faço mais passeios, sempre gostei de viajar, mas por um tempo tinha me esquecido de como era bom sair e ver pessoas diferentes (CORAÇÃO DE OURO, 62).

As vivências atuais auxiliam na reelaboração do passado no sentido de que há um paralelo entre o prazer que brota dos relacionamentos estabelecidos de forma mais direta e espontânea, propiciado pela convivência do grupo, pelas viagens e pelos passeios, e aquilo que ficou esquecido na memória. Essas impressões ressurgem e necessitam ser trabalhadas de uma nova forma, pois o passado não retorna, havendo a necessidade de adequar os sentimentos e emoções com as transformações da época.

Terceira Essência: contar e escutar...
a linguagem dos avós

Muitos são os velhos que criam ou convivem diariamente com seus netos. Isso trás inúmeras transformações e consequências para a vida desses. Ao perceber esse fato tão corriqueiro na comunidade, procurei aproximar-me da situação, observando as repercussões que se fazem, não buscando os motivos

que levam os avós compartilharem suas vidas com a dos netos, mas, sim, como repercute para eles esta convivência. Uma das idosas comenta:

A convivência no grupo resgatou a confiança que eu já não sentia mais em mim, estava me achando velha, agora não tenho mais nada, eu acho que era mais espírito, hoje procuramos uma as outras para conversar, numa espécie de irmandade como se todos fossem parentes. E descobri que não estou tão ultrapassado assim, como eu pensava, a relação com meus netos é maravilhosa, conversando a gente se entende, aceitamos muitas coisas. Aconselhamos quando há necessidade, porque nós temos mais vivências, e são conselhos de quem já viveu o período que eles estão enfrentando. (GRATIDÃO, 62).

Conviver com outras pessoas da mesma faixa etária tem ressignificado a vida dos idosos de Ivorá. Por meio das relações cotidianas desenvolvidas, há um fortalecimento dos laços de amizade, de confiança que repercute no engajamento dos indivíduos numa espécie de “irmandade”, onde acabam se redescobrimo para o mundo, transformando suas relações pessoais, familiares e sociais. Adquiram novos conhecimentos, e pelas vivências passadas podem reestruturar suas ideias, atitudes, convivendo harmonicamente com as outras gerações. Reconstroem sua história através da memória e das lembranças, tecendo elos no tempo, e com criatividade criam as possibilidades necessárias para interagir no presente. Com os netos a relação dos avós é de contar as suas experiências de vida, que toma a forma de um conselho, quando necessário, e de escutar os anseios, indecisões, descobertas e os

acontecimentos que permeiam a vida dos netos.

Ao dividirem suas vidas, afazeres, sentimentos e pensamentos, muito mais que uma convivência, a relação entre avô-neto se mostra como incentivadora ao resgate e à continuidade da educação dos costumes da cultura italiana, o zelo com respeito à religiosidade e a manutenção dos laços familiares. Resgatam pelo lúdico acontecimentos de outrora, que por seus exemplos e ensinamentos permitem reelaborar o viver do presente. Os avós reprisam seu passado em histórias, que são contadas nos momentos de lazer, passatempo, e naqueles onde necessitam aconselhar os netos. Estes, por sua vez, retribuem ensinando as brincadeiras do colégio, o que aprenderam em sala de aula... Assim, manifesta-se como um ato intersubjetivo entre as gerações, que inspira a criatividade dos dias presentes e futuros do relator e de seu ouvinte. Dessa forma, os velhos da comunidade de Ivorá realizam sua função social que, como diz Ecléa Bosi (1994, p. 18), é a de “lembrar e aconselhar, unindo o começo ao fim, ligando o que foi e o porvir. Cabe-lhes a figura laboriosa da velhice, trabalhando para lembrar e manter viva as heranças da cultura”. Um desses exemplos encontra-se no relato feito por um casal de idosos entrevistados:

A nossa relação com nossos netos é maravilhosa, nós ensinamos a educação propriamente dita, o que fazemos é contar nossas experiências sejam do passado, seja da atualidade, assim eles nos escutam com mais motivação... Sempre falamos que eles deveriam se unir, deveriam formar um movimento da juventude porque só assim eles

iriam sentir o sabor e o valor de um grupo... A juventude está muito parada, um conselho que damos é que eles devem estudar, se unir e participar, que não se separem da comunidade. No nosso tempo, da nossa juventude, a gente não tinha televisão, rádio, mas assim mesmo à gente tinha uma vida feliz, alegre, e a gente se reunia com os amigos na praça e se jogava prenda, barquinha e se distraía, se divertia... As nossas netas escutam e nos perguntam como eram essas brincadeiras. (AMOR, 79, 76).

Os idosos de Ivorá buscam integrar-se no sentido de comunidade, alimentando o espírito da união, do compartilhamento de ações, da valorização de viver em grupo, aconselhando a juventude a sentir sabor de viver em sociedade, de resgatar o prazer e a felicidade de se ter amigos e zelar por eles. Ensinam as brincadeiras do seu passado como uma forma lúdica de viver o presente e de compreender o futuro. Os avós descobriram que contando suas próprias experiências motivam os netos a criarem as expectativas e perspectivas de vidas, que, arraigadas de conselhos, constroem o alicerce da sua essência. A relação intergeracional promove nos avós também um novo significado de vida, pois reciclam seus conhecimentos, sentem-se mais estimulados a atualizarem-se, a conhecer, e, assim, encontram a felicidade, com as pequenas atitudes de seus netos, no sorriso nos lábios, o brilho nos olhos, o abraço, o afago, atitudes de carinho e amor que ficam gravados na memória e que são levados na lembrança para a vida toda. Um casal de idosos entrevistados comenta:

Para as nossas netas, tentamos ensinar sempre alguma coisa que nos foi passado por nossos pais, porque sempre há alguma coisa que não pode ser esquecido. A nossa vida hoje tem muito sentido por causa das nossas netas, por mais que seus pais estejam sempre presentes, elas são muito ligadas a nós. Somos muito felizes por isso e agradecemos a Deus diariamente pela família que temos. (DOÇURA, 60, 67).

Essa relação entre avós e netos tem se tornado uma constante na comunidade e, conforme salienta Oliveira (1999, p. 14), “pode ser capaz de criar práticas originais, de reinventar idéias e sugestões, de reinterpretar o que já vem pronto e de fazer de suas vidas uma travessia de mudanças”.

Nesse sentido, devemos aproveitar o potencial que emerge da relação inter-subjetiva entre avós e netos, propiciando o encontro e o diálogo entre as gerações. É preciso reconstruir o vivido, ressignificar as relações humanas, reviver a espiritualidade e a religiosidade, fazer com que os dias de hoje tenham mais sabor, felicidade e esperança; um sentimento tão presente no coração do povo fundador da comunidade, que, às vezes, parece ter desaparecido do horizonte das gerações do presente. Para isso, poder-se-ia levar os idosos a participarem dos vários setores da sociedade para contar histórias, ensinar brincadeiras do seu passado nas escolas, nas creches e orfanatos, onde existem crianças que, muitas vezes, não encontram essa possibilidade, ou que não tiveram a oportunidade de conhecer e/ou conviver com seus próprios avós. Seriam ensinamentos vivos, repletos de sentimentos, carregados de emoções que somente os velhos, pelas suas experiências, poderiam proporcionar.

Como a religiosidade do povo é muito forte, o padre da Igreja Matriz representa muito para os idosos, salientando-se também, entre as pessoas da comunidade, como um dos fundadores e um incansável incentivador do movimento. Manifesta-se:

Estou em Ivorá há treze anos, e quando cheguei aqui não havia este grupo formado da terceira idade, e aos poucos foi se formando e desde o início simpatizei pelo entusiasmo que eu percebia neles. Pelo desejo de viver a vida, de estarem juntos... Eu vejo assim, na sociedade de hoje, onde tudo é descartável, principalmente as pessoas que não produzem, elas vão ficando de lado, porque a sociedade anda rápido, num ritmo acelerado, tem que ganhar tempo, então vai deixando de lado as pessoas que tanto deram de si, e eu, como padre, sempre procurei ver assim.

O incentivo do padre da comunidade é imprescindível para os componentes do grupo, pois a espiritualidade e a religiosidade manifestam-se como fundamentais em suas vidas. Como a população é predominantemente católica, suas atitudes e atividades de alguma forma sempre estão ligadas à religião. A ginástica, a dança, o coral, as festas e encontros, na maioria das vezes, são realizados nas dependências do salão paroquial. Também são celebradas missas, onde a organização é de responsabilidade do grupo. Os idosos em muitas ocasiões expressam:

O padre nos valoriza porque ele também tem seus pais e sabe da importância de cultivá-los no âmbito da comunidade. (RESPONSABILIDADE, 70).

Somos hoje apoiados por todos, e o padre foi o primeiro, colaborando com o grupo nas missas e festas, nos chamando para fazer visitas aos enfermos do hospital, onde uma vez por semana levamos o nosso conforto. (DOÇURA, 60, 67).

O padre nos apoia, temos missas, terços e nas outras promoções sempre tem uma parte destinada à terceira idade. (BOM HUMOR, 52).

Ao incentivarem seus netos e os jovens em geral da comunidade, entre outros conselhos, falam de religião:

Meu conselho para os jovens é que sigam uma religião, a educação que seus pais ensinaram, participem das reuniões da comunidade, sobre vocações, missas, que se interessem mais pela comunidade. (PACIÊNCIA, 69).

Na comunidade de Ivorá, a religiosidade do povo sempre foi uma sustentação desde a época da colonização, onde pela fé construíram sua história e mantiveram sua identidade assegurada. Auxiliam o padre nas construções de monumentos, na melhoria das igrejas e torres, nas aulas da catequese, nos terços comunitários, nas missas onde estão presentes com toda a família, recebendo o alimento espiritual que completa e realiza a sua vida, manifestando, dessa forma, o seu carinho e gratidão. Uma das idosas se expressa a esse respeito:

Eu depois de idosa fui fazer o curso de Ministra da igreja, me realizei, pois concretizei algo que sempre quis. Por isso eu digo para os meus netos, o que nos envelhece não é a idade, o que temos que saber é viver, quem faz a vida da gente é a gente mesmo. Agora, hoje em dia, os jovens devem viver com fé em comunidade, valorizar a família, com amor e alegria, acreditar em Deus, buscar a sua realização pessoal, descobrir do que realmente gostam e lutar, ir em frente e acreditar que sempre há tempo para conquistar. Se possuir Deus no coração, sempre terá paz e vontade de caminhar em frente. Precisam se cuidar dos vícios, isso colabora para o envelhecimento do corpo e da mente.

Temos que conservar a saúde, vivendo naturalmente como a gente é, algum chimarrão, dormir cedo e acordar cedo, caminhar, se exercitar e viver em harmonia. (CORAÇÃO DE OURO, 62).

Os idosos manifestam em suas falas, nos seus conselhos, que nunca é tarde para realizar os seus desejos, imbuídos da fé e de uma espiritualidade inestimável, incentivam seus entes queridos a valorizar tudo o que possuem, respeitando o próximo, ser verdadeiro e aceitando a si mesmo e aos outros. Em Ivorá os laços familiares e comunitários se intensificam com as relações estabelecidas entre as gerações, se fortalecem diariamente com a convivência entre avós e netos, estimulando para que não se percam as tradições de um povo lutador. Acreditam na sua terra, na força e religiosidade de sua gente, orgulham-se dos seus antepassados, e são ensinamentos vivos da cultura, do trabalho, do amor e da honestidade.

Considerações finais

Ao propor estudar uma comunidade específica de idosos, busquei, entre outros motivos, mostrar um pouco de tudo que experienciei no desenrolar da minha vida na cidade de Ivorá. Penso que tudo aquilo que tive a grata oportunidade de vivenciar no grupo deveria chegar ao conhecimento das pessoas de outras cidades, com o objetivo de chamar a atenção para uma forma atual e possível de convívio solidário entre idosos. As características do povo de Ivorá, a liberdade de viver, o cultivo das tradições e ensinamentos dos antepassados, situadas na beleza das paisagens naturais

preservadas, formam um quadro que transpira harmonia, importante nas relações pessoais que se estabelecem na comunidade.

Hoje acredito que em Ivorá os próprios idosos estão conseguindo resgatar algumas heranças de suma importância para o desenvolvimento da comunidade, auxiliando na educação das gerações vindouras e do presente. As essências oriundas de suas falas são aspectos da vida que traduzem como pode acontecer a valorização da velhice e como estes podem, efetivamente, contribuir, socialmente, para a comunidade. O trabalho lúdico com os idosos de Ivorá, entre outras consequências, conseguiu reciclar os conhecimentos, rememorar acontecimentos passados, trazendo para o presente uma nova atitude perante a realidade a qual estão inseridos. Isto tem promovido uma realização para a sociedade como um todo, uma vez que se solidariza com os seus cidadãos mais velhos, acreditando na sua vivacidade, no seu potencial e na sua capacidade de realização.

A essência denominada “O resgate da cultura lúdica italiana” salienta a importância que a cultura exerce dentro da comunidade e a forma como é recuperada pelos idosos. O grupo de convivência tem influência fundamental na transmissão das lembranças emergidas da memória, ocorrendo por intermédio do grupo as transformações em suas vidas, as amizades se consolidam, a integração acontece e há uma valorização maior do convívio na coletividade. Os idosos acreditam que na realidade de hoje ainda podem encontrar ajuda mútua para elevar a sua

própria autoestima, reencontrar as suas origens, adquirir novos conhecimentos, concretizar verdadeiros sentimentos de amizade, sendo realmente felizes. A organização e a ação do grupo em Ivorá promovem experiências inovadoras para os indivíduos da localidade, mudando a forma como encaravam o envelhecimento humano, criando expectativas e esperanças de que a velhice possa ser uma fase da vida tão realizadora e repleta de conquistas como qualquer outra. Enfim, estão integrados com outros grupos da Quarta Colônia e da região, promovendo uma reunião de sentimentos e atitudes comuns que servem como antecipação possível de experiência de uma nova sociedade.

Na essência, “As vivências do presente auxiliam a reelaboração das heranças do passado”, evidencio, através do testemunho das pessoas da comunidade, como são recebidas e absorvidas as atuações do grupo de convivência. Como é impossível um retorno ao passado, é necessário discutir a maneira de ativar nos dias atuais as energias guardadas nos sentimentos e atitudes antes adormecidos. O desenvolvimento do grupo de convivência é motivo de contentamento para os familiares, pois observam diversas transformações ocorridas no âmbito familiar e social a partir da reinserção dos velhos na sociedade. Foi muito salientada nas entrevistas a volta do gosto e do interesse pela vida demonstrado pelos idosos, bem como a felicidade, o espírito festivo e comunicativo. Também demonstraram que os velhos asseguram uma espiritualidade e uma religiosidade que fortalece a convivência diária concretizada nas relações com as pessoas do local e região.

Na terceira essência, “Contar e escutar... a linguagem dos avós”, percebe-se como são estabelecidas as relações entre avós e netos na comunidade. Muitos são os idosos que criam ou convivem com os netos, e essa relação tem fortalecido os laços familiares e propiciado uma integração maior entre as gerações. Pelos conselhos oriundos das vivências, está sendo possível reciclar as heranças ligando um passado rico em esperança a um presente, criando práticas geradoras de vida.

Ludic activities re-delighting old age in the Fourth Italian Colony of Rio Grande do Sul

Abstract

This article is the result of the dissertation titled – Elderly activities with the 4th Cologne: A Case Study of Master of Education/UFSM. The idea to develop this research comes with the living with the group of seniors for four years as a teacher, the need to work deeply the issues raised by the play activities/physical (extension project) in the community of Ivorá, city that belongs to the region of the 4th Colony Italian Immigration in Brazil. We used a phenomenological qualitative methodology, which offers redemption from the “real world”, describing the experiences from the point of view of those who live the situation. The objective was to rework the memories stored in the memory of the elderly that had emerged from its origins/traditions of old, through activities such as ludic-educational games, songs and dances. A semi structured interview was administered to 25 people from the elderly group (single, widowed, married couples and women that their husbands did not participate), identified with names of virtues and natural landscapes of the Italy regions.

Also, 20 relatives of the elderly and five community representatives. The findings discovered that recreational activities have brought changes in the daily lives of participants and their community. Issues before hidden, forgotten by familiarity (uses, habits and language of common sense), emerged, demonstrating an experience of life stories, the rescue of Italian heritage playful. The conversation, dialect, mate, grapes, wine, work, physical, are alive expressions of a culture that endures across generations and contribute to the preservation of original culture and alternative and innovative ways to live to old age.

Keywords: Aging. Culture. Elderly. Italians. Ludicrous.

Nota

- ¹ O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria – regimento interno do CEP/UFSM – foi criado a partir da Resolução CNS 196/96, de 10/10/96. Desse modo, esta pesquisa, por ser realizada antes da criação do supracitado comitê, não passou pelo Comitê de Ética em Pesquisa. Informações disponíveis em: <<http://jararaca.ufsm.br/websites/cep/download/REG-CEP.pdf>> Acesso em: 3 out. 2011.

Referências

ANDRADE, C. M. A. *Uma pedagogia para a velhice: o desafio da construção de um trabalho com idosos no Brasil*. 1996. 245 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

BEAUVOIR, S. *A velhice*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1990.

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 5. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

DEBERT, G. G. *As representações (estereótipos) do papel do idoso na sociedade atual*. Seminário Internacional “Envelhecimento Populacional: uma agenda para o final do século”. Brasília, jul. 1996.

FREITAG, B. *A teoria crítica: ontem e hoje*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

GAGNEBIN, J. M. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva; Fapesp; Campinas, São Paulo: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1994.

HABERMAS, J. Cuestiones y contracuestiones. In: GUIDDENS, A. et al. *Habermas y la modernidad*. Madrid: Catedra, 1994. p. 305-343.

HUSSERL, E. *A crise da humanidade europeia e filosofia*. Porto Alegre: Edipucrs, 1996.

OLIVEIRA, P. S. *Vidas compartilhadas – cultura e co-educação de gerações na vida cotidiana*. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 1999.